

AUTOR-TEXTO-REVISOR-LEITOR: O MULTIVERSO DA ESCRITA

Alana Santos de Araújo¹

RESUMO

Este ensaio busca mostrar a relação entre autor, texto, revisor e leitor e de que forma esse relacionamento dá sentido ao texto, baseando-se na ideia de que o sentido não está no mundo exterior, mas é desenvolvido no decorrer dessa interação. Trata-se de um estudo que mostra também como os mundos do autor e do revisor se entrelaçam e formam uma escrita única. A partir daí a revisão é tratada como uma etapa da produção da escrita e como um processo de tradução do mundo do autor para inúmeros leitores. Para isso, os conceitos de aceitabilidade e acessibilidade do texto são abordados como características que o revisor deve observar dentro de suas atividades. O distanciamento do autor de seu próprio texto é apresentado, dentro do princípio da exotopia, como uma etapa fundamental para o acabamento da escrita. O revisor é o protagonista nessa fase. A escrita é abordada como uma imagem que deve ser transmitida, sendo essa é a forma mais eficaz de se promover a acessibilidade do leitor ao texto. A partir disso, desenvolve-se a ideia de empatia pelo leitor, que é a fonte de existência do texto.

¹ Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Este ensaio consiste em trabalho de conclusão do curso para a obtenção do título de Especialista em Revisão de Textos, orientado pela Prof. ^a Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues, pela PUC Minas.

Palavras-chave: Revisor. Autor. Leitor. Sentido. Aceitabilidade. Acessibilidade. Exotopia. Imagem. Empatia.

1 INTRODUÇÃO

O texto é a imagem de como o ser humano vê o mundo, é o resultado de uma vontade de deixar registrado o próprio pensamento. O texto se torna, então, um espaço em que o está fora é recriado, conforme as percepções do seu autor, e interpretado conforme as percepções do seu leitor. Dentro do texto acontece um emaranhamento entre o “ser” do autor e o “ser” do leitor, ou seja, assim como o mundo lá fora é recriado no texto, esses dois personagens também são recriados nesse ambiente.

Mas essa dinâmica deve incluir uma terceira pessoa: o revisor de textos, que irá compor a relação autor-texto-revisor-leitor. A função desse profissional é conciliar o mundo do escritor, o próprio mundo e o mundo do leitor. Com isso, o texto se transforma em um espelho dos sentidos que o autor deseja mostrar e uma porta de entrada para os sentidos do leitor. Dentro dessa dinâmica, a intervenção do revisor no texto se torna parte da produção da escrita.

Além disso, o revisor deve levar em conta o leitor, alguém que está no pé da porta de uma casa, esperando ser convidado para conhecer o que o escritor deseja contar. Dentro desse espaço, duas características são fundamentais: a

aceitabilidade e a acessibilidade do texto, sendo esta última a janela que precisa ser destrancada para que o autor revele ao leitor o próprio mundo de ideias. O revisor de textos entra nesse mundo levando o próprio mundo, o olhar externo, dentro do princípio da exotopia, trazendo novas percepções de leitura.

A partir desse contexto, a escrita se transforma na arte de pintar uma imagem de um pedaço do mundo do autor e do revisor, cuja intervenção traz à tona uma série de outras ideias, culturas e histórias.

2 AUTOR-TEXTO-REVISOR-LEITOR

Homens e mulheres se relacionam por meio da linguagem, seja falada, escrita ou gestual. Ela é representada por símbolos (MUSSALIM; BENTES, 2017) que traduzem conceitos que estão apenas na mente humana e que possibilitam a comunicação dentro desses relacionamentos. As palavras são um desses símbolos, e é por meio delas que os textos são criados.

A partir disso, o texto se torna um espaço em que sujeitos sociais interagem, nele se constituem e são constituídos (KOCH; ELIAS, 2008). O autor e o leitor interagem por meio do texto e o sentido dele é criado através desse relacionamento. São dois personagens criados pelo texto, ao mesmo tempo em que o texto também é responsável por criá-los.

“[...] Nessa perspectiva, o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexistia a essa interação [...]” (KOCH; ELIAS, 2008, p. 11). Ou seja, ainda que exista um mundo fora do texto, e no qual ele se baseia, todo o sentido dado a esse mundo é criado por meio das trocas entre autor e leitor. A isso dá-se o nome de interação autor-texto-leitor. Esse mundo envolve lugar social, vivências, relações com o outro, valores da comunidade e conhecimentos textuais (KOCH; ELIAS, 2008).

Existe um universo fora do texto, cujo sentido é criado conjuntamente pelo autor e pelo leitor, conforme a interpretação e o conhecimento que cada um deles leva para o texto.

No entanto, vale inserir o revisor de textos nessa relação: autor-texto-revisor-leitor.

A função do revisor de textos é, ao lado do escritor, traduzir um universo para inúmeros leitores. Esse universo que é traduzido é o universo do autor: traduz-se a forma como o autor vê um determinado mundo. Vale ressaltar que

[...] o mundo não é exatamente como se revela para nós, que nós compreendemos o mundo através de nossas teorias e de nossos construtos, que não são imagens, mas proposições abstratas [...] (PINKER, 2016, p. 52).

É por isso que esse mundo é “traduzido”, porque ele é criado sob a influência de nossas próprias interpretações sobre

o que está fora da mente, e nem sempre isso reflete o entendimento do outro. É por isso que o diálogo entre revisor e autor é fundamental para que a tradução reflita o mundo do autor.

O revisor também possui a própria forma de ver o mundo. Isso tem força sobre a intervenção que realiza no texto do autor. A marca do revisor está registrada no texto que revisa, porque ele também é um sujeito influenciado pelas demandas externas e pelos próprios conhecimentos que tem do mundo.

O revisor é, antes, um leitor que interage com o texto e imprime um sentido a ele:

[...] o autor pressupõe a participação do leitor na construção do sentido, considerando a (re)orientação que lhe é dada. Nesse processo, ressalta-se que **a compreensão não requer que os conhecimentos do texto e os do leitor coincidam, mas que possam interagir dinamicamente** [...] (KOCH; ELIAS, 2008, p. 37, grifo da autora, p. 37).

O revisor/leitor dá sentido ao texto por meio do próprio conhecimento da língua, do mundo, da situação comunicativa, entre outros. Esses fatores interferem em cada momento em que o revisor interage com o texto, ressignificando-o incessantemente (KOCH; ELIAS, 2008).

O revisor, portanto, acaba tendo que dar conta do mundo do autor e da influência que o seu próprio mundo exerce no texto desse autor, sendo ambos constituídos por uma miscelânea de linguagens, de crenças, de histórias, de

culturas, de níveis de escolaridade e de áreas de conhecimento.

[...] A ideia de que a língua tem uma relação íntima e complexa com o mundo, que ela parte do mundo e não o contrário, como afirma Fernão de Oliveira, pode contribuir para colocar em primeiro plano a tarefa primordial de qualquer linguagem: significar, comunicar, construir um mundo (FEDATTO; COELHO, 2016, p. 352).

E essa tarefa primordial deve ter como um de seus principais critérios a consideração pelo leitor.

3 O REVISOR E A JANELA PARA O MUNDO

O revisor de textos ainda é considerado no senso comum como um revisor da gramática, um profissional cuja função é somente encontrar e corrigir erros conforme a norma padrão. No entanto, a revisão, além disso, é uma “prática discursiva”, ou seja, ela reconstrói as diversas falas que existem dentro de um texto, dando novos sentidos a elas (RODRIGUES, 2015). Essas falas abrangem o discurso do autor e de todos os outros nos quais ele se baseia para construir seu texto: a própria visão de mundo, cultura, nível de escolaridade, outros textos, imagens, vídeos e tudo com que ele teve contato ao longo da vida.

Reconstruir as falas de um texto é traduzir o mundo do autor e, ao mesmo tempo, construir o próprio mundo dentro do ato de revisar. Isso não se reduz a correções gramaticais e ortográficas, mas interfere na forma como o leitor visualiza o que é trazido nos textos.

“A chave para um bom estilo, muito mais do que a obediência a uma lista de preceitos, consiste em ter uma concepção clara do mundo de faz de conta em que você está fingindo comunicar-se. [...]” (PINKER, 2016, p. 42).

Essa reconstrução têm o objetivo de evitar o trabalho em dobro do leitor: ler, reler, pesquisar para tentar entender o que leu, entre outras atividades que tiram o prazer da leitura. “O exercício da profissão do revisor pode ser descrito, perfeitamente, como uma 'leitura angustiada'. O seu trabalho é, justamente, evitar que todos os outros seres humanos necessitem fazer essa leitura angustiada.” (BRISAUD, 1998).

A revisão é uma etapa da escrita de qualquer texto que verifica, além das falhas na escrita e da imprecisão de significados, a acessibilidade e a aceitabilidade para o leitor (COSTA; PENA; RODRIGUES, 2011, p. 59-60).

O leitor aceita o texto escrito (aceitabilidade) quando adquire os conhecimentos escritos ou coopera com os objetivos do autor:

[...] Tais estratégias se referem à necessidade de cooperação (no sentido de o produtor responder aos interesses de seu interlocutor e à qualidade (autenticidade), quantidade (informatividade), pertinência e relevância das informações, bem como à maneira como essas informações são apresentadas (precisão, clareza, ordenação, concisão, etc.) (COSTA VAL, 2006, p. 11).

Ou seja, há comunicação quando essas duas partes cooperam entre si: se o leitor perceber falhas do autor no texto, ele pode interpretá-las como significativas (falhas são propositalis, por exemplo, nos textos de piadas) ou como

toleráveis (não são propositais, mas podem ser toleradas). A tolerância depende do conhecimento do leitor sobre um assunto e da formalidade da situação (COSTA VAL, 2006).

A aceitabilidade depende mais da credibilidade e da relevância que o leitor dá ao texto em uma situação específica do que a correspondência com a realidade. Ou seja, o leitor interpreta o texto de acordo com a situação em que se encontra (cultura onde está inserido, momento histórico em que vive, entre outros contextos). Isso não diz respeito somente às circunstâncias empíricas, mas também à interpretação que o leitor dá ao texto a respeito delas (COSTA VAL, 2000). O que se vê nesse caso, é a tradução que o leitor faz do mundo trazido pelo autor e pelo revisor.

Para que a aceitabilidade seja alcançada, é necessário promover a acessibilidade para o leitor. O revisor de textos pode atuar nesse cenário ajudando o escritor a construir, por meio do texto, “uma janela para o mundo” (PINKER, 2016, p. 41).

O autor, ao escrever, olha para esse mundo e busca explicar para o leitor algo que ele ainda não viu (PINKER, 2016). O revisor olha para o mundo do autor e busca explicar algo que o autor ainda não viu, tendo em mente que esse olhar é essencial para que o leitor compreenda o mundo do autor. É por isso que revisar um texto é parte integrante da própria escrita “e não uma etapa posterior a ela” (RODRIGUES, 2015, p. 3). Até porque a revisão não é o ato final de toda essa peça,

existe um diálogo constante entre o revisor e o autor, em que as modificações (ou não) no texto vão sendo construídas em comum acordo.

Nesse ponto, vale mencionar o princípio da exotopia, que é o distanciamento entre o autor e a obra (OLIVEIRA, 2016). O olhar de uma pessoa externa ao texto pode trazer novas percepções de leitura, novas interpretações, detalhes que não foram vistos antes.

Na atividade de revisão, há necessidade de o revisor utilizar sua posição exotópica em relação ao (s) autor (es) no processo interacional, pois isso pode ajudá-lo no papel de colaborador do autor com vistas ao acabamento do texto. Com esse excedente de visão, o revisor mostra ao (s) autor (es) aspectos linguístico-discursivos que lhe (s) passaram despercebidos por um excesso de ensimesmamento, comum aos que escrevem, e que o (s) leva às vezes a descuidar do distanciamento necessário à observação de detalhes composicionais e estilísticos do texto. (OLIVEIRA, 2016, p.49).

O revisor de textos olha para o mundo que o autor deseja que o leitor veja para que, juntos, possam abrir a janela que possibilita a acessibilidade desse leitor a esse universo. Ou seja, quando o revisor traz essa visão de fora, ou esse “excedente de visão”, ele tira o autor do quarto em que passou a maior parte do tempo escrevendo e o leva para outro quarto que possui uma vista para fora completamente diferente da do anterior. O resultado disso é um texto que irá abranger todo o horizonte da casa.

“[...] O revisor não precisa ser representativo da audiência-alvo. Geralmente basta que não seja o próprio autor.” (PINKER, 2016, p. 100). O texto precisa de um olhar distinto

da do autor, e o revisor de textos é um dos principais profissionais que podem proporcionar essa nova visão.

4 “A BOA ESCRITA SE COMPREENDE COM O OLHO DA MENTE” (PINKER, 2016)

É importante ainda que a linguagem seja capaz de projetar todos esses universos e, conseqüentemente, de “significar, comunicar, construir um mundo” (FEDATTO; COELHO, 2016, p. 352).

Quando o revisor leva isso em conta, deixa de se preocupar somente com ortografia, gramática e até mesmo com simplicidade ou clareza do texto. Essas duas últimas características, no entanto, nascem espontaneamente, crescendo sem direção específica, ou seja, não dependem do meio no qual o texto é produzido e até mesmo de quais destinatários farão a leitura.

Isso ocorre também porque o texto retrata a imagem de um mundo que não é criada pelo próprio texto, e sim pelo autor e pelo leitor. O sentido não é colocado automaticamente na escrita, ele é produzido durante a interação entre esses dois sujeitos. Aqui, vale incluir um terceiro sujeito, o revisor que, ao interferir nessa dinâmica, também inclui novos sentidos ao texto.

Resumindo: uma produção linguística que, numa dada circunstância, pareça “sem pé nem cabeça”, incompreensível, inadequada, inaceitável, para determinado grupo, pode ser perfeitamente entendida e considerada como sem qualquer problema por outros interlocutores, noutra situação, e, para eles, funcionar plenamente como texto. Isso quer dizer que o sentido não está no texto, não é dado pelo texto, mas é produzido por locutor e alocutário a cada interação, a cada “acontecimento” de uso da língua (COSTA VAL, 2004, p. 2).

Essa ideia, na atividade de revisão de textos, flexibiliza o uso de regras linguísticas, supostamente universais e absolutas, e passa a levar em conta o universo do autor, revisor e leitor: seus objetivos, expectativas, conhecimentos, crenças, valores, etc. (COSTA VAL, 2004).

Transformar a imagem de um mundo em palavras é dar para o leitor o mundo do autor, é dar a noção das verdadeiras formas e materiais encontrados no universo dele (PINKER, 1997). O escritor e o revisor sabem algo que o leitor ainda não sabe e o orientam, pela escrita, para que veja isso por si mesmo. Ver é essencial nesse tipo de criação, porque quanto mais se visualiza o que o texto diz, mais fica fácil compreendê-lo.

[...] Somos primatas, com um terço de nosso cérebro dedicado à vista e grandes faixas dedicadas ao tato, à audição, ao movimento e ao espaço. Para irmos de “Acho que entendi” a “Entendi”, precisamos ver as imagens e sentir o movimento. Muitos experimentos mostram que os leitores compreendem e lembram muito melhor das coisas quando são expressas numa linguagem concreta que permite formar imagens visuais, [...] (PINKER, 2016, 95).

É como se o texto fosse a pintura de uma tela que o leitor é capaz de, além de observar, retirar a intenção do autor. A partir daí o leitor vê e compreende, sem fazer esforço. “Ver” um texto é descrever o mundo em palavras para que o leitor decida como lidar com ele, como manipulá-lo ou arquivá-lo na memória para buscá-lo posteriormente (PINKER, 1997). Essa é

mais uma maneira de promover a acessibilidade do texto ao leitor.

Tudo isso remonta ao começo de tudo, com o desenvolvimento do “pensamento de tela” (CHRISTIN, 2000). No início, o homem ficou consciente do suporte no qual poderia gravar seus pensamentos: superfícies como as paredes das cavernas. A imagem foi a primeira conquista do ser humano sobre o real, ou seja, além de ter sido capaz de tirar a própria subsistência do meio em que vivia, tornou-se capaz de tirar também um conjunto de símbolos para expressar seus pensamentos.

[...] O que essas marcas celebram é efetivamente um objeto bem particular, aquele a que o homem não devia mais apenas seus utensílios e sua subsistência, mas sua conquista última sobre o real, que era a de o ter transformado em universo simbólico. A presença da mão humana no meio das inúmeras figuras de que ela se fizera autor – qualquer que seja o valor ritual de que ela, por outras razões, podia se achar investida – testemunha o surgimento de uma nova forma de pensamento social. [...] (CHRISTIN, 2000, p. 337).

Esse pensamento social foi o resultado do surgimento de comunidades cada vez maiores, que começaram a desenvolver um universo cultural.

[...] Foi ao criar esse suporte que as sociedades humanas se deram a possibilidade de realizar em seu benefício essa ruptura do mundo que elas experimentavam quotidianamente por meio de sua descoberta sensorial das coisas, mas cuja fórmula lhes fora necessário reinventar para que correspondesse às aspirações de suas comunidades em surgimento e se integrasse ao universo cultural que elas começavam também a construir. [...] (CHRISTIN, 2000, p. 338-339).

Com o tempo, esses grupos começaram a se perguntar o que existia entre uma figura e outra, além do espaço em branco entre elas, para que pudessem entender o início e o fim

de uma sequência de ideias. A partir daí esse espaço tornou-se a tela para a escrita ser desenhada (PIMENTEL, 2016).

[...] Do ideograma ao alfabeto, de fato, o visível perdeu sua função semântica e, sobretudo, social. A imagem polivalente da palavra foi substituída pela imagem fixa e abstrata da letra; a concepção transcendental e plurilingüística do escrito foi substituída pela concepção de sua eficácia laica e imediatamente comunitária (CHRISTIN, 2000, p. 340).

O que se vê, a partir daí, é a construção de diversas sociedades que uniram a imagem à escrita. Não existe uma comunicação puramente escrita ou verbal, elas se inter-relacionam, decorrem do “pensamento gráfico” do homem.

Sendo assim, não sendo possível a pureza, seja ela verbal ou imagética, o pensamento gráfico é aquele que relaciona a imagem e a palavra não em termos de conversebilidade, mas de conversabilidade, de abertura dupla aos diferentes universos que, uma vez transgredidos, permitiram a formação da escrita, e que atualmente são atravessados constantemente por meio da comunicação logoicônica. O pensamento que se abre ao visual, por sua vez aberto ao texto, em um movimento dialético, além da pureza utópica almejada pelas estéticas modernas. Um pensamento que não é simplesmente imagético, pois leva em conta o suporte como parte estruturante, portanto gráfico. [...] (MARTINS, 2014, p. 93-94).

Todo esse contexto revela a importância de se considerar a imagem na atividade de escrever e também de revisar. O revisor brinca com um jogo de imagens dentro da própria mente quando realiza o seu trabalho, assim como tenta compreender o jogo de imagens da mente do autor. Isso é automático: “[...] even our most abstract concepts are understood in terms of concrete scenarios” (PINKER, 2007, p. 13)². O revisor que busca ver o texto irá compreendê-lo facilmente e também tornará esse entendimento mais acessível para o leitor, sem precisar recorrer prioritariamente às normas gramaticais.

² “[...] até nossos conceitos mais abstratos são entendidos em termos de cenários concretos”.

5 A IMPORTÂNCIA DE SE COLOCAR NO LUGAR DO LEITOR

A partir dessa questão, deve-se levar em conta também que tornar o texto acessível é colocar-se no lugar do leitor, é supor que ele não tem a menor ideia do universo de palavras e significados que foram imaginados pelo autor de um texto. Isso está diretamente ligado à principal atividade do revisor: “preparar os textos para circular socialmente” (MUNIZ, 2009, p. 7). Assim, o revisor, quando intervém no texto, “[...] leva em consideração – mesmo sem se dar conta disso – os outros de seu discurso [...]” (MUNIZ, 2009, p. 11). A escrita de qualquer texto é uma prática social

[...] ler e escrever são formas de interação que envolvem sujeitos ativos. Dito de outro modo, o autor em geral não escreve para si, mas para um leitor, determinado ou não, que também participa da construção do sentido que emerge do texto. [...] (OLIVEIRA, 2016, p. 40-41).

Para isso, é fundamental que o revisor, além de atuar junto com o autor na construção de uma janela para o mundo, também dirija o olhar da escrita para o leitor, em uma forma de conversa. “[...] A metáfora da conversa implica que o leitor é *cooperativo*. O escritor pode contar com o leitor para ler nas entrelinhas, para entender insinuações e para ligar os pontos, sem precisar enunciar em voz alta cada passo do pensamento.” (PINKER, 2016, p. 43, grifo do autor).

Ou seja, sem o outro-leitor, não há texto, não há mundo, não há história. “[...] a interpretação é possível porque há o

outro nas sociedades e na história. É com esse *outro* que se estabelece uma relação de ligação, de identificação ou de transferência que possibilita a interpretação. [...]” (CAZARIN, 2006, p. 301, grifo da autora).

É importante trazer esse ponto no trabalho da revisão de textos, porque a maioria da bibliografia encontrada nesse campo está voltada somente para os dois primeiros itens mencionados anteriormente como atividades da revisão: i) falhas de convenções da escrita; ii) imprecisão de significado. Existem poucos livros que abordam técnicas de escrita e revisão com foco no leitor, geralmente eles ditam conceitos sobre como ser um bom revisor. Um exemplo disso é o livro “Manual do Revisor” de Luiz Roberto Malta, que traz os seguintes requisitos de um bom revisor (MALTA, 2000):

- a) ótimo conhecimento de português;
- b) ter cultura geral e estar bem informado;
- c) ter humildade de duvidar de seus próprios conhecimentos;
- d) não se meter a escritor e começar a retalhar o texto em nome de uma suposta intelegibilidade;
- e) recorrer às fontes de consulta e se apoiar em uma cultura geral, em um senso crítico;
- f) conhecer razoavelmente bem o inglês.

Outro exemplo é o livro “Além da revisão: critérios para revisão textual”, de Aristides Coelho Neto, que traz, no capítulo 6 (“O processo de revisão”), algumas recomendações sobre hifens e travessões, notas de rodapé, erros imperdoáveis e

erros toleráveis, entre outros. No entanto, antes de qualquer requisito, deve-se pensar no outro, no leitor, cuja ausência resulta na falta de sentido do ato de escrever.

6 CONCLUSÃO

A existência do universo já é real antes mesmo de ser colocada em palavras. A escrita apenas o exterioriza com base nas interpretações que o escritor faz dessa realidade. O leitor entra nesse mundo trazendo também as próprias interpretações e ambos dão forma ao sentido de um texto. O revisor também faz parte disso.

O trabalho do revisor é extrair do texto os sentidos registrados pelo autor, é pensar nos sentidos que um leitor poderia trazer e é lidar com os próprios sentidos que registra no texto quando exerce sua atividade. Quando o revisor entende esse jogo – que não tem um fim –, o seu trabalho passa a considerar o próprio homem – no sentido de “ser” – e não apenas as regras que encaixotam a escrita dentro das mesmas caixas.

O revisor se torna um tradutor de diversos mundos: do seu próprio, do autor e de todos os outros que os influenciam. Esses mundos são frutos de uma realidade empírica, que não é interpretada exatamente como ela é, e sim como se acha que ela é. É por isso que, ao se colocá-la em palavras, vários mundos são criados. Eles se originam dessas diferentes interpretações. A função do revisor de textos é dar conta

desses multiversos para que o leitor consiga acessá-los e aceitá-los. É como se ele se transformasse no peixe tradutor de alguém que usa a leitura para viajar por diversas galáxias³.

Quando o leitor aceita um texto, torna-o relevante ao momento atual em que ambos estão inseridos. Isso independe do mundo real que, conforme já foi falado, já existe sem que seja necessário torná-lo realidade. A interpretação que o leitor dá ao mundo revelado pelo autor e pelo revisor é o que irá definir a relevância do que foi escrito. No entanto, antes que isso ocorra, é preciso tornar o texto acessível a esse leitor.

A acessibilidade vem naturalmente com a imagem que a escrita ajuda a formar na mente do leitor. “[...] that abstract concepts seem to be represented in the mind (at least in the part of the mind that interfaces with language) in thuddingly concrete ways”⁴ (PINKER, 1997, p. 52). É como tornar real, na mente, a interpretação que o autor dá ao que existe fora dela. Ver o texto torna-o acessível, ajuda o leitor a entendê-lo e, portanto, a concordar ou discordar do que está sendo dito.

Quando se pensa em aceitabilidade e acessibilidade, a empatia pelo leitor surge de forma natural. A função do revisor é “preparar os textos para circular socialmente” (MUNIZ, 2009, p. 7), é pensar no outro (ou nos outros). Daí vem a importância de se colocar no lugar do leitor no momento de iniciar um trabalho de revisão. A não ser que o escritor, por qualquer

³ Referência ao livro O Guia do Mochileiro das Galáxias, Volume 1: Arthur é salvo da destruição da Terra por Ford, que o leva para uma nave alienígena. Os tripulantes falam uma língua desconhecida e, para que Arthur possa entendê-la, Ford coloca um peixe no ouvido de Arthur, que passa a entender imediatamente qualquer tipo de língua do universo.

⁴ “[...] conceitos abstratos parecem ser representados na mente (pelo menos na parte da mente que se conecta com a linguagem) de maneiras concretas”.

motivo, resolva guardar seu texto para si mesmo, ele escreve, antes, para um leitor, senão, porque ele escreveria? Por que então o próprio revisor não iria olhar para o texto sob essa perspectiva? O trabalho do revisor também é social, porque o objeto no qual ele interfere possui a característica intrínseca do olhar para o outro.

“A boa escrita se compreende com o olho da mente” (PINKER, 2016, p. 29). Escrever e revisar é a arte de fazer o outro ver o que o texto diz, mas também a de fazer o outro ser visto.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Douglas. O guia do mochileiro das galáxias. 1. ed. São Paulo: Arqueiro, 2011.v.1.

BRISSAUD, Sophie. La lecture angoissée ou la mort du correcteur. 1998. Tradução Sandra Baldessin. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Revisor_de_textos. Acesso em: 04 jan. 2022.

CAZARIN, Ercília Ana. A leitura: uma prática discursiva, Tubarão, v.6, n. 2, mai./ago. 2006. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwi_h4jMkq_2AhVHqpUCHcg7CX0QFnoECAoQAQ&url=http%3A%2F%2Fwww.portaldeperiodicos.unisul.br%2Findex.php%2FLinguagem_Discurso%2Farticle%2Fdownload%2F336%2F358&usg=AOvVaw0DULGKxb_dAkXUI4tI6H_s. Acesso em: 04 mar. 2022.

CHRISTIN, Anne-Marie. A imagem e a letra. In: CHRISTIN, Anne-Marie. Poétique du blanc: vide et intervalle dans la civilisation de l'alphabet. Tradução Júlio Castanon Guimarães. Leuven: Peeters-Vrin, 2000. Disponível em: http://escritos.rb.gov.br/numero02/FCRB_Escritos_2_15_Anne-Marie_Christin.pdf. Acesso em: 03 mar. 2022.

COELHO NETO, Aristides. Além da revisão: critérios para revisão textual. 3. ed. Brasília: Senac, 2013.

COSTA VAL, Maria da Graça. Redação e Textualidade. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

COSTA VAL, Maria da Graça. Texto, textualidade e textualização. In: CECCANTINI, J.L. Tápias; PEREIRA, Rony F.; ZANCHETTA JR., Juvenal. Pedagogia Cidadã: cadernos de formação: Língua Portuguesa. v. 1. São Paulo: UNESP, 2004.

COSTA VAL, Maria da Graça. Repensando a textualidade. In: AZEREDO, José Carlos (org.). Língua Portuguesa em Debate: conhecimento e ensino. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 34-51.

COSTA, Roger Vinícius da Silva; RODRIGUES, Daniella Lopes Dias Ignácio; PENA, Daniela Paula Alves. Dificuldades no trabalho do revisor de textos: possíveis contribuições da linguística. *Philologus*, Rio de Janeiro, n. 51, 2011. Disponível em: http://www.filologia.org.br/vi_jnlflp/resumos/dificuldades_no_trabalho_do_revisor_ROGER.pdf. Acesso em: 04 jan. 2022.

FEDATTO, Carolina P.; COELHO, Beatriz Garcia Pinto. A prática de revisão de textos entre inadequação e inovação: uma discussão sobre variação, mudança e política linguística, *Belo Horizonte*, v.20, n. 38, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2016v20n38p337>. Acesso em: 04 mar. 2022.

KOCH, Ingelore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Ler e compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2008.

MALTA, Luiz Roberto. Manual do Revisor. São Paulo: WVC, 2000.

MARTINS, Rafael. A imagem na palavra: A representação sob o signo da Esfinge em A arte de produzir efeito sem causa, de Lourenço Mutarelli. 2014. 173f. Dissertação (Mestrado Teoria da Literatura e Literatura comparada), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-9HMQVD>. Acesso em: 06 mar. 2022.

MUNIZ JÚNIOR., José de Souza. A intervenção textual como atividade discursiva: considerações sobre o laço social da linguagem no trabalho de edição, preparação e revisão de textos. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32, 2009, Curitiba/PR. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1079-1.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2022.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.).
Introdução à linguística: domínios e fronteiras. 9. ed. São
Paulo: Cortez, 2017.v.1.

OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de. Revisão de Textos: da
prática à teoria. Natal: EDUFRN, 2016.

PIMENTEL, Daiane Carneiro. Imagem-palavra: a iconicidade
da escrita em “relato de um certo oriente”, de Milton Hatoum.
Anuário de Literatura, Santa Catarina, v. 21, n. 1, 2016.
Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2016v21n1p58>. Acesso em: 6 mar. 2022.

PINKER, Steven. Guia da escrita: como conceber um texto com
clareza, precisão e elegância. Tradução Rodolfo Ilari. São
Paulo: Contexto, 2016.

PINKER, Steven. Como a mente funciona. Tradução Laura
Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PINKER, Steven. The stuff of thought: language as a window
into human nature. New York: Penguin Books, 2007.

RODRIGUES, Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues. Revisão
de textos: entre a teoria e a prática. Cadernos Cespuc, Belo
Horizonte, n. 26, 2015. Disponível em:
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/11446>. Acesso em: 04 jan. 2022.

